



República Romana

- Aula -

Prof. Sarah Azevedo

Cronologia

- 753 a.C. : Fundação da Cidade por Rômulo
- Monarquia: realeza etrusca
- 509 a.C. : Fundação da República
- 31 a.C. : Batalha naval do Ácio = Otaviano (Augusto) vence Marco Antônio





28. THE ROMAN REPUBLIC AT THE DEATH OF CAESAR 44 B.C.

- Roman territory
 - States dependent on Rome
 - Parthian Empire
- All names are given in their Latin form

0 200 400 miles

Documentos

- LITERÁRIOS
- Tito Lívio – História de Roma desde a fundação da cidade
- Virgílio – Eneida – Conta a história de Roma em formato épico
- Cícero, Salústio, Horácio...
- → A maior parte das fontes literárias são do final do período da república/início do império
- Contemporâneas:
- COMÉDIAS: PLAUTO, TERÊNCIO
- FONTES MATERIAIS: moedas, material epigráfico, estátuas

Pompeia,
79 d.C.



















Pink Floyd,
1972







Mito de Fundação da Cidade de Roma

- Virgílio - Conta a saga do herói Enéas – fugitivo de Troia
 - Fundador de Alba Longa
- Rômulo e Remo (Mix da história de Moisés e de Caim e Abel)
- Rômulo mata Remo e funda a cidade de Roma
- Augusto – refundador da cidade de Roma

Loba Capitolina:
Cópia medieval de
Original etrúria





Mito de Fundação da República

- O estupro de Lucrecia

- Tito Lívio mostra a conexão entre a castidade feminina e a harmonia social
- Época em que o Direito Romano estava se consolidando
- Desenvolvimento institucional – defesa da Pudicitia
 - *Histórias de Lucrecia e Virgínia*



Botticelli – Storie di Lucrezia



Botticelli - Storie di Virginia

Virgem Vestal



Deusa Pudicitia





Teatro Romano de Mérida



Públio Terêncio Afro
Publius Terentius Afer
Cartago, c. 195 a.C.
Lago Estínfalo/Mar da Grécia, 159 a.C.



Mosaico, Pompeia
Atores se preparando
para entrar em cena




Micião: O que foi, afinal?



Dêmea: Arrombou as portas e invadiu a casa dos outros, espancou quase até a morte o próprio dono da casa e toda sua família. Raptou uma moça por quem estava apaixonado: todos estão clamando que foi o mais indigno dos atos! Quantos me falaram isso quando eu cheguei, Micião! Está na boca do povo todo! E depois, se é preciso um modelo para comparar, ele não vê o irmão se esforçar, morar no campo e ser sóbrio e poupador? Nenhuma atitude parecida com as dele. Quando o acuso, Micião, acuso você: é você que o deixa se corromper.

Micião: *(dogmático) Não pode haver algo mais injusto que um homem sem vivência, que julga que nada, a não ser o que ele mesmo faz, é correto.*




Dêmea: O que quer dizer com isso?




Micião: Que você, Dêmea, está julgando mal este caso. Não é um absurdo, pode acreditar, um garoto se engraçar com prostitutas ou beber; não é, tampouco, arrombar portas. Mas se nem você nem eu fizemos essas coisas, foi a pobreza que nos impediu. E agora você considera louvável o que deixou de fazer por falta de escolha, antes? Isso não é justo, pois, se tivéssemos como fazer, teríamos feito. E quanto a você, se fosse mais humano, deixaria aquele seu filho agir assim, agora – enquanto a idade permite – e não depois, finalmente, numa idade imprópria, no aguardado momento de desovar você de casa.



Dêmea: Por Júpiter, homem, você me enlouquece! “Não é um absurdo um garoto fazer essas coisas”?




Micião: (*impaciente*) Ah, escute bem para não me amolar mais vezes com este assunto! Você me deu seu filho em adoção, então, agora ele é meu. Se ele comete algum erro, Dêmea, é contra mim que ele erra, eu me viro com as maiores consequências. Ele gasta com comida, bebe, se perfuma com unguentos? É às minhas custas. Anda namorando? Darei dinheiro enquanto convier e, quando não convier, talvez a amante o deixe trancado para fora. Arromba portas? Serão reconstruídas. Rasga sua veste? Será remendada. Graças aos deuses há de onde sair tudo isso e, até agora, não foi um problema. Enfim, desista ou **traga para cá um juiz**, quem você quiser: vou lhe mostrar novamente que está errado neste caso.



Dêmea: Pobre de mim! Aprenda a ser pai com quem sabe de verdade.




Micião: Você é pai dele pela natureza, eu pela educação.




Ésquino: Você comprou a moça por vinte minas – e que lhe saia caro esse negócio! –: tal quantia lhe será paga.




Sanião: (*desconfiado*) E o que acontece se eu não quiser vendê-la a você? Vai me forçar?




Ésquino: (*calmamente*) Jamais.




Sanião: Pois é disso que eu tinha medo...



Ésquino: (*sorrateiro*) E não julgo que pode ser vendida uma moça que é livre por nascimento... de fato, eu a estou pondo em liberdade, erguendo minhas mãos sobre sua cabeça. Agora veja o que você prefere: receber o dinheiro ou preparar sua defesa. Pense nisso até eu voltar, alcoviteiro.



(*Ésquino entra na casa de Micião. Sanião, em desespero, inicia um monólogo*)



Sanião: Júpiter Supremo! Não me surpreende nem um pouco haver quem quase enlouqueça por causa de uma injustiça: ele me arrancou de casa, açoitou e levou quem me pertencia contra minha vontade. Agora, em troca desses desaforos, ordena que eu lhe entregue a moça que eu comprei pelo mesmo valor! Eu, pobre homem a quem ele esbofeteou mais de quinhentas vezes! (*resignado*) Fazer o quê? Já que ele propôs um negócio razoável... que seja! **Ele está requerendo o seu direito.** Pronto, é isso que desejo agora, contanto que eu recupere o dinheiro. (*desanimado*) Mas já estou vendo como vai ser: quando eu disser para me dar a quantia, ele vai trazer testemunhas de que eu já a vendi; dinheiro, mesmo, nem sonhando: (*remedando*) “Volte amanhã”. Eu posso aguentar isso também, por mais ofensivo que seja, *contanto que eu recupere o dinheiro.* Na verdade, é assim que as coisas são, eu acho: já que você entrou por esse caminho, tem de aguentar de boca fechada as injustiças dos jovens. (*desesperançoso*) Mas ninguém vai me dar nada, eu próprio acho que essas reflexões são em vão.

A esperteza ilícita dos escravos – e das mulheres – na comédia latina

(Siro, escravo da família de Ésquino sai da casa de Micião)

Siro: *(a Ésquino, que permanece fora do palco)* Não fale mais nada, eu mesmo já vou resolver isso: farei com que aceite com fervor e diga até mesmo que foi bem tratado. *(a Sanião)* Que história é essa que estou ouvindo, Sanião, de que você, não sei como, brigou com o meu senhor?


Sanião: Nunca vi briga mais desigual que a que tivemos aqui hoje: eu apanhando, ele batendo, para, no final, sairmos os dois acabados.

Siro: Por sua culpa.

Sanião: O que eu poderia fazer?

Siro: *(buscando despertar simpatia)* Devia ter feito a vontade do rapaz...

Sanião: *(insiste)* O que mais eu poderia fazer, se lhe ofereci até a face hoje?



Hegião: Ésquino, seu filho mais velho, que você deu em adoção a seu irmão, não agiu conforme o dever de um homem bom e livre.

Dêmea: Que quer dizer com isso?

Hegião: Conhece Simulo, nosso amigo e da nossa idade?

Dêmea: Que tem ele?

Hegião: Ele violou sua filha, moça virgem.

Dêmea: (*perplexo*) O quê!?

Hegião: Espere, Dêmea, ainda não ouviu o pior.

Dêmea: (*desesperado*) E o que mais pode haver?

Hegião: Há mais, sim, pois isso ainda é, de certa forma, aceitável: foi levado pela noite, pela paixão, pelo vinho e pela pouca idade, errar é humano.

Quando se deu conta do fato, foi até a mãe da moça pessoalmente, chorando copiosamente, implorando, suplicando, dando sua palavra, jurando que se casaria com ela. Foi perdoado, guardaram segredo e confiaram nele. A moça engravidou desse estupro, está no décimo mês. Mas esse homem tão bom nos arranjou uma citarista para viver com ele – se aos deuses isso agrada! – e abandonou nossa moça!

Dêmea: Tem certeza do que está dizendo?

Hegião: Você tem à disposição a mãe da moça, ela própria, o fato em si e nosso Geta

aqui que, além de tudo, apesar de ter sido escravizado, não é mau nem preguiçoso: ele as alimenta e sustenta toda a família sozinho. Leve-o daqui, ponha-no nas correntes e o interrogue sobre o que aconteceu.

Geta: (*encoraja-se*) E mais, por Hércules, que me torturem se não foi exatamente isso que aconteceu, Dêmea. Além disso, ele não vai negar: coloque-o na minha frente.


Dêmea: (*transtornado*) Que vergonha... não sei como agir ou como responder diante disso.

(*ouvem-se os gritos de Pânfila pelas dores do parto, de dentro da casa de Sóstrata*)

Pânfila: Pobre de mim! As dores me dilaceram! Intercedei por mim, Juno, padroeira do nascimento! Eu imploro: dai-me vossa proteção!

Hegião: (*alarmado, para Geta*) O quê? Não me diga que ela está em trabalho de parto! **Geta:** É claro, Hegião.

Única fala de
Pânfila



Micião: Já prometi a moça em casamento, acomodei a situação, as núpcias vão acontecer, acabei com todo o medo: isso sim é o dever de um homem.

Dêmea: Você gosta de tudo isso, Micião?

Micião: Não, se pudesse mudar. Agora, como não posso, estou com o coração tranquilo.

A vida do homem é como um lançar de dados: se depois do arremesso não cai⁶⁸² o que é mais necessário, que se corrija por capacidade o que aconteceu por casualidade.

Dêmea: Você é um corretor, sem dúvida! Perderam-se vinte minas com aquela citarista graças à sua “capacidade”: ela que, de qualquer modo, vai ser descartada por aí, a alto custo, quase de graça.

Micião: Não é assim, e tampouco penso, seguramente, em vendê-la.



Dêmea: O que vai fazer, então?

Micião: Ela ficará em casa.

Dêmea: Pela honra dos deuses! Uma meretriz e uma mãe de família sob o mesmo teto? **Micião:** Por que não?

Dêmea: Você acha que está bom da cabeça?

Micião: Tenho certeza que sim.



Dêmea: (*francamente assustado*) Que os deuses me dêem em bênçãos o que lhe deram em loucura! (*insinuante*) Estou achando que você está fazendo isso para ter uma companhia para tocar.

Micião: E por que não?

Dêmea: E a recém-casada vai aprender esses costumes, também?



Micião: Exato.

Dêmea: E você, entre elas, dançando malemolente com a corda?


Micião: (*dissimulado*) Correto.

Dêmea: Correto?




Micião: E você junto conosco, se for preciso.

Dêmea: Ai de mim! Não tem vergonha?



Micião: Deixe logo de lado essa sua raiva, Dêmea, e fique animado e sorridente para o casamento do seu filho, como convém. Vou falar com eles, volto depois disso. (*Micião sai*)



Dêmea: Oh, Júpiter! Que vida! Que costumes! Que demência essa! Uma esposa que virá sem dote, uma citarista lá dentro, uma casa pródiga dessas, um jovem perdido em luxos, um velho delirando! Nem que Salvação, em pessoa, deseje preservar essa família, vai conseguir!

